

# Indignação e esperança no Dia do Índio

Documento elaborado por representantes de nações indígenas denuncia situação precária dos povos

ANA LUIZA FARIAS

**F**ome, doença e terras invadidas. Essas são as principais reclamações dos índios mineiros com relação ao governo e a toda a sociedade. A situação foi apresentada ontem em um documento elaborado por cerca de 50 representantes dos povos indígenas mineiros que estiveram em Belo Horizonte desde o início da semana.

O documento "Povos Indígenas Mineiros Mostram Sua Indignação e Esperança" é resultado da Semana dos Povos Indígenas, promovida pelo CIMI (Conselho Indigenista Missionário), CEDEFS (Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva) e Parque das Mangabeiras, que se encerrou ontem. Ele resume os debates feitos entre os índios durante a semana e apresenta suas reivindicações. Segundo Marilda Magalhães, membro do CIMI, o documento será entregue em breve às autoridades.

No texto "Povos Indígenas Mineiros Mostram Sua Indignação e Esperança", os índios apresentam seus problemas e reclamam do descaso do governo, acusando-o, inclusive, de descumprir a Constituição Federal. Segundo eles, é papel do governo demarcar e proteger as terras indígenas. As comunidades Krenak e Maxakali, contudo, continuam com suas terras ocupadas por fazendeiros sem que a polícia aja para retirá-los - mesmo com a área já tendo sido demarcada pelo governo.



ÍNDIOS PATAXÓ durante a entrega do documento sobre a situação dos povos indígenas do Estado, na sede do Sindicato dos Jornalistas

PAULO FIGUEIRAS

## Invasores

As principais reivindicações dizem respeito a saúde, organização política (inclusive com proposta de participação dos povos indígenas nas discussões de reestruturação da FUNAI) e a demarcação de terras e retirada de invasores dessas áreas. Os índios denunciavam ainda o sucateamento da FUNAI.

Os cerca de 50 representantes das comunidades mineiras Krenak, Maxakali, Pataxó, Xacriabá e Pankararu, além de discutirem entre si a situação indígena mineira, visitaram mais de 50 escolas em Belo Horizonte, divulgando sua cultura entre os estudantes.



## SÃO JOÃO DAS MISSÕES

MÁRCIA SIQUEIRA

A luta pela terra ainda não chegou ao fim entre os índios Xacriabá. Pelo menos para mais de 80 famílias que vivem no distrito de Rancharia, município de São João das Missões, no Norte de Minas. Excluídas na época da demarcação da reserva indígena, em 1979, elas hoje lutam pelo reconhecimento e a proteção de uma área de quase 5 mil hectares. A preocupação, tanto dos

próprios líderes dos Xacriabá, quanto de entidades ligadas à questão indígena, é de que ressurjam os conflitos na região.

Desde dezembro passado, um grupo técnico instituído pela Fundação Nacional do Índio (Funai) estuda o assunto. Mas somente em maio deve ficar pronto o relatório oficial, detalhando os limites do território a ser protegido e o número de famílias beneficiadas. Caso se defina pela sua criação, tudo indica que a reserva Xacriabá-Rancharia seja uma área independente em relação à atual reserva, da qual é vizinha.

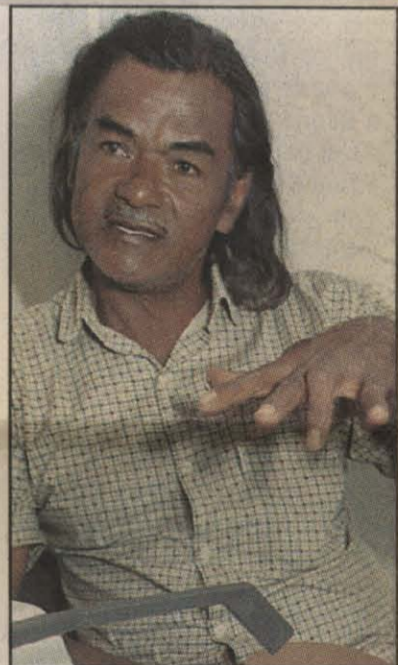
A criação da nova reserva não é consenso mesmo entre os índios. O cacique Manoel Gomes de Oliveira, o Rodrigão, lembra que o processo de demarcação das terras Xacriabá levou dez anos para ser concluído e custou muito sangue e sofrimento a seu povo. "Naquela época, essas famílias não quiseram entrar para a reserva. Agora, terão de lutar por si mesmas", sentencia.

## Conflitos

Rodrigão teme que o assunto reacenda disputas - as armadas, inclusive. Nas mesmas terras que podem virar reserva, convi-

ve uma população não-indígena, e a relação com os remanescentes dos Xacriabá nem sempre foi pacífica - lembra o chefe do departamento de Identificação e Delimitação da Funai em Brasília, Walter Coutinho Júnior.

Segundo o técnico, na região encontram-se tanto pequenas como grandes propriedades rurais. Mas, de acordo com um decreto editado no ano passado, quem se sentir prejudicado com a criação da reserva poderá contestar o relatório oficial. A decisão final sobre a demarcação da reserva caberá ao ministro da Justiça, e não tem data para sair.



CACIQUE RODRIGÃO: vice-prefeito

## Xacriabá em luta por nova reserva

## Conflito pela terra marca luta dos povos

Apesar da precariedade em que vivem os índios brasileiros, a população tem crescido em Minas Gerais e em todo o País. Além do aumento no número de nascimentos, vários povos indígenas que não eram vistos como tal tiveram seu reconhecimento étnico. Entre os índios mineiros, os Kaxixó, que vivem às margens do Rio Pará, estão lutando por isso.

Existem em Minas Gerais cerca de 7500 índios divididos em cinco povos - Krenak, Maxakali, Pataxó, Xacriabá e Pankararu. Segundo documento entregue ontem pelos índios à sociedade, grande parte da comunidade enfrenta problemas com doenças e fome. Ainda de acordo com o texto, é comum crianças morrerem de fome na aldeia Maxakali sem que nenhuma providência seja tomada pela FUNAI.

Um dos problemas principais diz respeito às terras. O governo já demarcou áreas dos povos Maxakali e Krenak, mas mesmo nesse caso os índios não têm acesso a elas, pois estão ocupadas por fazendeiros e posseiros sem que o governo tome uma atitude.

Membros dos Krenak estiveram reunidos ontem, em Belo Horizonte, com representantes da Polícia Federal, Justiça Federal e Procuradoria da República para confirmar a retirada dos invasores de suas terras. Segundo Luiz Chaves, assessor jurídico do CIMI, a Polícia Federal se comprometeu a começar a retirada dos invasores no próximo dia 28. (ALF)

## Política leva cacique à prefeitura

As feições dos Xacriabá não correspondem à imagem do índio que a maioria dos brancos cultiva. Sem olhos puxados nem cabelos escorridos, sem cocares nem pinturas, os Xacriabá têm dificuldades para resgatar e manter vivas as tradições de seus ancestrais. "Índio morria de espantamento se não falasse português", justifica o cacique Rodrigão, lembrando o

que lhe contavam parentes mais velhos.

Para fazer frente a três séculos de escravização e exploração - que se intensificaram a partir dos anos 20 - os Xacriabá acabaram tornando secretos vários de seus rituais. Nem mesmo toda a comunidade conhece as cerimônias. "Quando saíram os posseiros e ficaram só índios, os pajés

tiveram medo de mostrar os rituais", lembra Rodrigão. "Só aos poucos eles se convenceram de que isso ajudaria a manter nossa cultura".

Recentemente, porém, os Xacriabá começaram a aproveitar sua integração cultural com o branco para defender seus interesses na região. E passaram a fazer política - primeiro em Itaca-

rambi e agora em São João das Missões, distrito emancipado este ano.

Os Xacriabá detêm metade das terras e da população do novo município e contabilizam 1.233 votos. Resultado: elegeram em outubro dois vereadores e o cacique como vice-prefeito. Não é a primeira vitória de Rodrigão, que já foi vereador em Itacarambi. E da oposição.

## Dia do Índio vai passar em branco

Sem festa, sem danças, sem rituais. É assim que os índios Xacriabá passam hoje o Dia do Índio. O motivo do cancelamento das comemorações, explica o cacique Rodrigão, foi o assassinato de um jovem índio, durante uma briga dentro da própria reserva há duas semanas.

Em luto, que vai durar 90 dias, os Xacriabá assistem a uma missa na aldeia de Brejo do Mata Fome, esta manhã. O culto será rezado pelo padre Pedro para cerca de 100 índios. À noite, na sede do município de Missões, uma segunda missa será celebrada.

Este ano, os Xacriabá preparavam uma grande demonstração de uma de suas cerimônias mais importantes - o *toré*. Mantida em segredo por décadas, o ritual inclui uma dança e uma "experiência", de que participam apenas alguns escolhidos. "Eles bebem um chá da casca de jurema para chegar ao encanto e receber os espíritos, pessoas que morreram na aldeia e que lhes revelam o que está errado", descreve o cacique. (MS)



SITUAÇÃO DE miséria e aculturação confunde Xacriabá com comunidades pobres da região

NIVEA DIAS

## História de perseguição e pobreza

Vítimas de três séculos de opressão, os Xacriabá são a maior nação indígena mineira. Apenas na reserva de São João das Missões, vivem mais de 5,5 mil pessoas. Elas ocupam um território de 46 mil hectares e muita pobreza, no Norte de Minas. O temor de que a criação de uma nova reserva reavive o passado de guerras não parece infundado. "Os Xacriabá sofreram tanta pressão que muitos têm vergonha de dizer que são índios", analisa o coordenador regional do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), Luciano Marcos Pereira da Silva.

Segundo o coordenador, que passou seis anos com os índios, o processo de cadastramento das famílias na época da demarcação das terras acabou deixando muitos índios fora da reserva. "Usaram-se conceitos difíceis para classificar a população. Ou eram remanescentes, ou eram posseiros. Muita gente assinou formulários achando que posseiro era quem tinha direito à terra", conta.

Com isso, há Xacriabá vivendo não só em Rancharia, onde se pretende criar a nova reserva, como em Missões e Itacarambi. O coordenador do Cimi destaca ainda que nem o reconhecimento das terras indígenas foi suficiente para aplacar o preconceito contra os Xacriabá.

Muitos índios escondem a identidade quando têm de recorrer aos municípios vizinhos para fazer compras, buscar atendimento médico, ou até emprego nas fazendas da região, quando a pobreza aperta na aldeia, revela Luciano Marcos. "Até algum tempo, os Xacriabá iam presos em Itacarambi sem que se explicasse o porquê", desabafa Rodrigão. (MS)

Veja amanhã no Caderno Gerais, a história dos Krenak.